

JAYME DE SEGUIER

A CAMÕES

*(Poesia expressamente escripta para ser recitada no sarau
litterario do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro,
na solemnidade do 3.º centenario de Luiz de Camões)*



LISBOA
TYPOGRAPHIA DE CASTRO IRMÃO

31 Rua da Cruz de Pau 31

1880

4

A CAMÕES

Já vae alta a manhã. A aurora desenrola
como um cacto escarlata as folhas da corolla,
d'onde se exhala e evolve um aroma de luz
que a folhagem absorve e o lago reproduz.
A madrugada é alva e fresca como os linhos.
Todo o povo infantil que se empluma nos ninhos
começa a chilrear por entre as espessuras
as doiradas canções, as divinas loucuras,
que só sabem dizer as aves e as creanças.
Pombas brancas no azul pairam como esperanças
e sobre os laranjaes, em finas gottas, cerulas,
o orvalho entorna a urna argentea das suas perolas.
A natureza enceta a sua eterna festa.
Transforma-se em theatro a potente floresta.
Sobre o estrado da relva uma orchestra de flores
entoa a symphonia esplendida das côres.
Espalha-se pelo ar, acre, ardente, vivaz,
o riso do jasmin, o riso do lilaz
e o grito jovial e rubro do rainunculo...
O sol, já no horisonte, é um vasto carbunculo,
o mar, uma esmeralda, o ceu, uma saphira.
O vento da manhã pulsa as cordas da lyra
e d'ella tira uns sons mil vezes mais suaves
que as arias do luar e as *romanças* das aves.
Correm de toda a parte, ardentes como as brazas,

borboletas sensuaes, esmeraldas com azas,
scintillantes rubins, voando por entre as flores,
como um bando infantil de lascivos amores,
tentando surprehender, com vistas curiosas,
no seu *deshabillé* de madrugada, as rosas.
Mais velozes que a luz, vôos alvos de garças,
deixando atraz de si plumas brancas esparsas
cortam rapidamente a athmosphera sonora...
Este ar fustiga o sangue, esta luz revigora!
Sentem-se palpitar, robustas, luxuriantes,
as vastas expansões d'amores fecundantes,
de desejos febris, de alegrias estranhas
nos oceanos, nos ceus, nos bosques, nas montanhas!
Que força e que vigor! Que seiva e que pureza!
Ó sagrada manhã! Ó santa natureza!
Não sei que adoração religiosa me invade
quando ás vezes contemplo a tua immensidade,
a tua serena paz, immarcessivel, calma,
d'onde destaca e vibra aos ouvidos da alma
o sinistro clamor abafado, que brota
do immenso labutar da tua forja ignota!
Não sei que força herculea, invencivel me prostra
quando o primeiro alvor se espalha, alaga e mostra
ao meu timido olhar a obra eterna e enorme,
que sem cessar renova um Deus que nunca dorme,
um Deus cuja evidencia em toda a parte eu leio,
que illumina a tua alma e fecunda o teu seio,
um Deus de cuja essencia um reflexo fulgura
em toda a creação e em cada creatura,
e cuja vida estranha e cujas convulsões
trazem da lava a espuma á bocca dos vulcões!
Deslumbra-me a opulencia, as riquezas pasmosas
do teu rico museu de coisas preciosas,
—os metaes do teu solo, as tuas virgens mattas
o deliquio feroz das tuas cataractas,
o inexplicavel brilho ondeante das estrellas,

a rude voz que vem dos pulmões das procellas,
o riso de cristal das madrugadas claras,
o argento do luar e o oiro das cearas,
a doce pallidez dos brancos nenuphares,
o indigo dos teus ceus e o glauco dos teus mares,
emfim tudo o que em ti, ó mãe suprema e pura,
vibra, palpita, embriaga, ama, pensa, fulgura!

Então sinto innundar-me o corpo exausto e exangue,
da madrugada o alvor, como um banho de sangue.
Desparecem ao largo os phantasmas da morte.
Sinto-me juvenil, alegre, crente e forte
e aspiro a pleno peito as ondas d'oxygenio!...

Ó Natureza, tens um só rival, o Genio!
Elle é tambem supremo e creador e grande!
Tudo o que vem de ti, d'elle tambem se expande.
A sua fronte é tambem constellada de estrellas.
Na noite da sua alma uivam tambem procellas.
Á luz do seu olhar, nos espaços profundos,
desabrocham vulcões, brotam do nada os mundos,
circulam como o sangue as torrentes sagradas,
emergem bruscamente as selvas perfumadas
d'onde o aroma se evolve e d'onde a seiva escorre
e onde se odeia e ama e onde se vive e morre!
Mas o vosso destino, ó Genio, ó Universo,
em breve se separa e em breve é bem diverso.
Condemnou-vos a mão do Ente Creador
um á eterna alegria e o outro á eterna dôr.
Um tem o rir sereno, o paraíso eterno,
a eterna mocidade; o outro tem o inferno,
a tortura, a galé! Mystério ignoto e austero!
Teu destino é marchar, ó Genio, ó Ashavero!
Marchar, sempre marchar, os pés sobre os espinhos,
tingindo em sangue rubro as urzes dos caminhos,
marchar, marchar sem norte e sem guia e sem rumo,

sem descobrir ao longe uma espiral de fumo,
 sem um olhar de luz, a vibração d'um canto,
 a per'la d'um sorriso, uma gotta de pranto,
 marchar, sempre marchar, a alma em lucto e viuva,
 ao vento, á neve, ao frio, á fome, á sêde, á chuva!

Em breve o corpo oscilla, o andar torna-se incerto...

Ó dôr, negro *simoun*, ó vida, atroz deserto!
 Ó vendaval de fogo, ó saharah fatal,
 como é cinza o teu sopro e lava o teu areal!
 Quanto é longa, meu Deus, e dolorosa a estrada,
 vendo apenas em frente a paysagem do Nada,
 sentindo o sol queimar o corpo dolorido
 como um stygma feroz de chumbo derretido,
 vendo no solo em braza ermo de caravanas
 os saudosos signaes de pegadas humanas,
 d'outros, d'outros tambem que partiram cantando
 como voam no azul os passaros em bando,
 enchendo a vastidão de canções, de risadas,
 abrindo o coração á luz das alvoradas,
 alegres e joviaes, a fronte livre e calma,
 um astro em cada olhar, um astro em cada alma,
 e que absortos no amor, nos ceus, nos ideaes
 foram andando, e andando e não voltaram mais!...
 Como chegam depressa a fadiga, o cansaço,
 sentindo esboroar-se o solo a cada passo,
 rugirem vagamente os leopardos em volta
 e prenderem-se os pés na areia ardente e solta
 como se ella tivesse as malhas d'uma rede...
 Então acaba a esp'rança e principia a sêde!
 Então com gritos de odio, accorrem ferozmente,
 retalhando a amplidão n'um helice potente,
 sequiosos de sangue, avidos de martyrio
 esse vampiro, a febre e esse abutre o delirio!
 Então o sangue em fogo incendeia as arterias...

Então se lança o olhar ás vastidões sydereas
 a ver se pelo azul as nuvens se condensam
 e se implora de Deus agua como uma benção.
 O Genio, o desgraçado, o caminheiro envia
 aos cantos do horisonte a sua alma sombria,
 percorre o vasto areal, o vasto firmamento
 lança por toda a parte o olhar como um lamento,
 interrogando o espaço a leste, ao norte, ao sul,
 e sempre e em toda a parte o azul, o azul, o azul!
 Então mudo de dôr e de angustia suprema
 morde convulso as mãos, o seu olhar blasphema,
 assume na pupilla a fixidez d'um louco
 já não ouve nem vê, é cêgo e surdo e rouco,
 dilacera-se a carne, espoja-se no chão,
 e o seu silencio horrendo é uma maldição!

Paira como um condôr sobre o deserto, a morte...

De subito, meu Deus! alli, bem perto, ao norte,
 para onde ha pouco em balde elle alongava o olhar,
 vê-se a agua d'um lago ao sol a scintillar!
 Mais perto ainda a selva ergue a sua massa estranha.
 Recorta-se no azul um perfil de montanha.
 As nuvens pelo ar fluctuam como espumas.
 Um palmar desenrola o seu leque de plumas.
 O panorama entorno innunda-se de côres.
 Vibram canções da luz, das aves e das flôres.
 Vivas fulgurações rebentam de grinaldas
 d'opalas, de rubins, de coraes, de esmeraldas!
 Que musica divina e estranha! Que esplendor!
 Que diluvio de paz! Que diluvio de amor!
 Que alacridade emfim depois de tanta magua!
 Deus, como tu és bom! A agua, emfim a agua!
 Vamos, um pouco mais! Coragem, mais um passo!
 Para bem longe agora a fadiga, o cansaço!
 A agua é perto emfim. Com ella Deus envia

a saude, o vigor, o animo, a alegria!
 Então n'um só impulso indomavel, supremo
 concentra o viandante o seu vigor extremo,
 arrasta-se no chão, assim como um reptil,
 approxima do lago o seu labio febril,
 sentindo o sangue em lava arder-lhe em cada veia
 e, maldição de Deus! bebe... mas bebe a areia!

O lago era ficção, zombaria, miragem!
 Então falto de força e exausto de coragem
 o viandante cae, cerrando os olhos torvos!
 Silencio sepulchral! É a hora dos corvos!
 O *simoun* muito ao largo entoia um psalmo incerto.

E em breve os ossos nus branquejam no deserto,
 pedindo, mas em vão, paz eterna aos tufões...

Esta lugubre historia é a tua, ó Camões!
 Tambem te fulminou a grande Dôr sombria.
 Mas a Historia e a Justiça acordaram um dia,
 sentiu-se pelo mundo a tua immensa falta,
 elevou-se uma voz, depois outra mais alta,
 depois um côro estranho, universal, vibrante
 e hoje o universo inteiro acclama-te, gigante!
 tres seculos depois da tua horrivel morte.
 Ó brilhante poeta, ó peito ingenuo e forte,
 se o destino fatal, se a lei da desventura
 que persegue os que tem a consciencia pura
 e na frente o fulgor do genio immaculado
 co'a bronzea mão te fez cahir no chão prostrado,
 —ah! tambem como a doce Ignez do teu poema,
 tiveste além da campa a acclamação suprema,
 e se um dia tombaste ao golpe d'essa lei,
 tambem, depois de morto, um dia foste rei!

7 de maio de 1880.

Jayme de Segquier.

*Do 2º ap.
à cabeça*

